

## UM BRUXO NAS BODAS DO DIABO: A POESIA DE MACHADO DE ASSIS ENTRE A TRADIÇÃO BÍBLICA E AS NARRATIVAS POPULARES

Kenia Maria de Almeida Pereira- Professora da Universidade Federal de Uberlândia-UFU- [Kenia@triang.com.br](mailto:Kenia@triang.com.br)

### Resumo:

Sabe-se que são raros os leitores das poesias machadianas. Não deixa de ser verdade, também, o fato de que são restritos os estudos que enfocam Machado de Assis poeta. É uma pena, uma vez que estes textos líricos apresentam, além do deleite estético, algumas surpresas inesperadas. Dono de um estilo elaborado, apresentando estrofes formalmente lapidadas, numa mescla entre Romantismo e Parnasianismo, Machado desenvolveu em seus versos inúmeros temas sobre a condição humana, dialogando, muitas vezes, com vários autores da literatura ocidental, dentre eles Shakespeare, Dante, Edgar Allan Poe, Camões, dentre outros. Além destas referências canônicas, o Bruxo do Cosme Velho, manteve ainda, em algumas de suas poesias, um expressivo diálogo intertextual, ora parafrásico ora paródico, com personagens e temas das Sagradas Escrituras. Lembremo-nos aqui dos poemas intitulados “O dilúvio”, “Fé”, “A caridade”, “A morte no calvário”, “Os semeadores”, “A Cristã-nova” e “O casamento do diabo”. Este último, aliás, é o poema que nos interessa nesta comunicação, uma vez que, ao elaborá-lo, Machado de Assis, mesmo que indiretamente, irá retomar tanto o *Livro de Jó*, como o *Fausto*, de Goethe, além de narrativas orais populares, humorísticas e paródicas que apresentam o diabo como mote principal.

Palavras-chave: Machado de Assis; Poesia; Bíblia; Narrativas populares

Roberto Schwarz, em seu importante livro *Um Mestre na periferia do Capitalismo* (2000), observa que no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis faz um mergulho nas águas da paródia e também do requintado deboche: desdenha do *Pentateuco*; dedica o romance aos vermes; provoca o leitor com ironias. Trata-se, assim, de “um show de impudência, em que as provocações se sucedem numa gama que vai da gracinha à profanação”. (SCHWARZ, 2000, p.14). Para esta comunicação, interessa-nos estas duas últimas palavras de Schwarz: “gracinha e profanação”. Estes dois temas, aliás, se materializam no curioso poema machadiano intitulado “O casamento do diabo”. Neste texto, aliás, detectamos as primeiras sementes da ironia e do deboche, ou das “gracinhas e da profanação”, que são semeadas pelo Bruxo do Cosme Velho, muito antes de *Memórias Póstumas*, ou seja, bem no início de sua carreira de escritor. O poema é um pouco longo, composto por uma dúzia de estrofes, mas sua leitura até o final compensa tanto pelo deleite da brincadeira e da zombaria presentes no refrão, como também pelo ritmo melódico e bem marcado da redondilha maior. Vamos a ele:

## **O casamento do diabo**

*(imitação do alemão)*

*Machado de Assis*

Satã teve um dia a ideia  
De casar. Que original!  
Queria mulher não feia,  
Virgem corpo, alma leal.

Toma um conselho de amigo,  
Não te cases, Belzebu;  
Que a mulher, como ser humano,  
É mais fina do que tu.

Resolvido no projeto,  
Para vê-lo realizar,  
Quis procurar objeto  
Próprio do seu paladar.

Toma um conselho de amigo,  
Não te cases, Belzebu;  
Que a mulher, como ser humano,  
É mais fina do que tu.

Cortou unhas, cortou rabo,  
Cortou as pontas, e após  
Saiu o nosso diabo  
Como o herói dos heróis.

Toma um conselho de amigo,  
Não te cases, Belzebu;  
Que a mulher, como ser humano,  
É mais fina do que tu.

Casar era a sua dita;  
Correu por terra e por mar,  
Encontrou mulher bonita  
E tratou de a requestar.

Toma um conselho de amigo,  
Não te cases, Belzebu;  
Que a mulher, como ser humano,  
É mais fina do que tu.

Ele quis, ela queria,  
Puseram mão sobre mão,  
E na melhor harmonia  
Verificou-se a união.

Toma um conselho de amigo,  
Não te cases, Belzebu;  
Que a mulher, como ser humano,  
É mais fina do que tu.

Passou-se um ano, e ao diabo,  
Não lhe cresceram por fim,  
Nem as unhas, nem o rabo...  
Mas as pontas, essas sim.

Toma um conselho de amigo,  
Não te cases, Belzebu;  
Que a mulher, como ser humano,  
É mais fina do que tu. ( ASSIS, 2008, p.709)

Publicadas anonimamente no jornal *Semana Ilustrada*, em 1863, quando Machado completara 24 anos de idade, estas quadrinhas dizem muito das leituras e das obsessões do autor de *Dom Casmurro*. Leitor voraz, Machado conhecia, além das obras clássicas e canônicas como a *Bíblia*, também os romancistas franceses como Flaubert, Stendhal; autores portugueses como Eça de Queirós, Xavier de Maistre, Garret e Camões, e filósofos como Pascal, Spinoza e Schopenhauer, dentre outros. Não se pode negar também o seu contato com as narrativas populares orais versificadas que compõem o universo da literatura de cordel. De tradição lusitana, sabe-se que os folhetos de cordel, manuscritos, chegaram ao Brasil com os primeiros colonizadores portugueses e foi no Nordeste que esta forma de arte rimada e, às vezes, cantada ganhou força social e forma peculiar. Segundo M, Diegues Júnior, no século XIX, com as tipografias, começa uma difusão escrita do cordel, o qual se espalha por outros Estados brasileiros como “São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Belém do Pará...” (DIEGUES JÚNIOR, 1975, p.6). Dentre os temas mais apreciados pelos cordelistas e cantadores estão principalmente os que tratam de Lampião e seus cangaceiros; de Padre Cícero e seus milagres; de Getúlio Vargas e sua morte; de animais maravilhosos; da seca e suas consequências; das histórias bíblicas e sua moral; e claro, não podia faltar ainda um dos personagens mais populares e fantásticos: o diabo com suas estripulias. É provável que Machado tenha lido alguns destes folhetos que começaram a circular na cidade do Rio de Janeiro já no começo do século XIX e que enfocavam, de forma atrevida e brincalhona, o temeroso Dito-cujo.

Como se percebe durante a leitura, a ironia e o deboche são a tônica do poema, “O Casamento do diabo”. A gaiatice já está no título, já que é Satã e não um ser humano quem vai cometer a imprudência de se casar. O eu lírico, na primeira estrofe, zomba dos desejos eróticos de Belzebu, os quais muito se aproximam dos anseios de um homem do século XIX: casar-se com uma mulher virgem, leal e “não feia”. Resoluto em suas aspirações amorosas, o Tinhoso não dá ouvidos aos insistentes avisos do eu poético, uma vez que “casar era sua dita”. De nada adiantaram os alertas de que a mulher, por ser humana, é mais “fina” e ardilosa que o próprio demo. Depois de cortar as unhas, o rabo e as pontas, e virar “herói dos heróis”, finalmente o Capiroto se casa com sua bela esposa, e, finalmente, um ano depois, longe do final feliz, ele vê ressurgir as inevitáveis e vergonhosas “pontas”. Ironicamente, não é a mulher, desta vez, a parte

frágil e delicada da relação. Pelo contrário, astuta e bonita, ela logra o diabo, passa a perna em Satanás, comete adultério, metendo-lhe um inevitável par de chifres. Percebe-se aqui já uma tendência embrionária de Machado de Assis para criar personagens femininas, fortes e determinadas. Como não lembrarmos dos olhos “oblíquos e dissimulados” de Capitu, os quais enredaram Bentinho; da “boca fina e interrogativa” de Rita que acabou desgraçando Camilo e do “corpo, elegantemente apertado em um vestido de cambraia” de Sofia, que enlouqueceu Rubião? Ainda nas palavras de Lúcia Miguel Pereira, as figuras femininas no criador de Dom Casmurro, são mulheres “admiráveis, porejantes de um sensualismo contido, bem tropicais, formam uma vivíssima galeria”. (PEREIRA, 2005, p.231).

Nesta bem humorada narrativa oral, Machado toca no tema popular do “diabo logrado”. Ou seja, do “pobre diabo”. Aquele diabo risível que é facilmente enganado pela gente simples do povo ou até mesmo pela mulher, que tradicionalmente era considerada sua vítima mais indefesa, principalmente na figura da bruxa, que sempre foi vista como subserviente ao Senhor das Trevas. Desamparada e frágil, ora ela efetuava pactos com o Maligno ora se deitava com ele em troca de benefícios e amparo. Nos ciclos das narrativas do diabo logrado, pelo contrário, Satã é construído de forma paródica. Tanto a mulher, como as crianças, os pobres ferreiros, os matutos mais simplórios podem ludibriá-lo ou mesmo metê-lo numa garrafa. Conhecido como “diabinho familiar”, acabava por tornar-se escravo de quem o capturava. O Cramulhão logrado se afasta, assim, daquela entidade terrível, maligna e amedrontadora ou mesmo irônica que as histórias bíblicas nos apresentam. Ele não é nem o diabo pactário do Livro de Jó, nem o Tentador maligno de Cristo, nem tampouco o terrível e monstruoso Dragão do Apocalipse. Para Carlos Nogueira, nos trópicos, Satanás se distancia daquele modelo hostil e impiedoso ditado pela ortodoxia religiosa europeia. Em terras brasileiras, ele perde “muito do seu aspecto aterrador”. (NOGUEIRA, 2012, p.110). Para Câmara Cascudo, “na literatura oral o diabo é personagem inevitavelmente derrotado”. (CASCUDO, 1988, p.292) Também para Jerusa Ferreira, lograr o diabo, nas tradições populares, é uma “arma dos espoliados”, dos oprimidos, daqueles que já não tem mais nada: nem representação política, nem dinheiro, nem poder. Simbolicamente, lograr o diabo é uma forma de “lidar de maneira astuta e graciosa com os opressores”. (FERREIRA, 1995, p.62).

Se o tema do diabo derrotado o autor de Dom Casmurro recupera das tradições orais nordestinas, o tema do diabo apaixonado, por sua vez, Machado pode ter bebido em duas fontes europeias: no romance francês, *O diabo enamorado*, e na tragédia alemã, *Fausto*. O primeiro publicado em 1772, pelo escritor Jacques Cazotte, considerado um dos mais interessantes contos fantásticos, apresenta-nos Satanás travestido em uma bela moça de nome Biondeta que tenta seduzir Alvare, um aventureiro espanhol. Segundo Muchembled, a novidade desta história reside no fato de que “o Maligno se vê apanhado na própria armadilha, apaixonando-se por sua vítima”. (MUCHEMBLED, 2001, p.233). Já a peça *Fausto*, publicada por Goethe, na Alemanha, em 1808, trata do pacto que o médico Doutor Faustus assina com o demônio Mefistófeles, em troca de amores, conhecimento e juventude. Na cena intitulada Noite de Valpúrgis, Mefistófeles presenteia Fausto com uma noite de orgias entre bruxas e outras entidades fantásticas como a Medusa e a própria Lilith, ou seja, primeira esposa de Adão, segundo a Cabala. Mefistófeles alerta Fausto sobre os perigos de se deixar levar pela sedução feminina e, mais grave ainda, cair nas armadilhas de Lilith: “A esposa número um de Adão/Cautela com a formosa trança/Que unicamente, a adorna

até a ilharga;/Quando com ela algum mancebo alcança,/Tão cedo a presa já não larga”. (GOETHE, 2004,p.461).

Embora o diabo nunca tenha saído de moda nem das igrejas nem do cinema, muito menos da literatura, não foram poucos os românticos, os simbolistas e mesmo alguns parnasianos que dedicaram muitos de seus versos ao Dito Cujo. Retomando aqui os inúmeros nomes com que Guimarães Rosa apelida o Galhardo, em *Grande Sertão: Veredas*: O Coisa-Ruim, o Pé-de-Pato, o Dubá-dubá, o Mafarro, o Capiroto, ou seja, Satanás, e todo seu séquito foram, durante muito tempo, cantado em prosa e em verso, tanto na Europa como aqui na Terra de Santa Cruz .

Antes mesmo de Goethe, em 1808, criar a famosa história do doutor Fausto compactuando-se com Mefistófeles, no século XVIII, Lessing, Maler, Müller, Klinger, recriaram personagens que evocavam o demônio, implorando-lhe por amores, poder e dinheiro. Aqui no Brasil, quase todos conhecem o interessante drama de nome *Macário*, de Álvares de Azevedo. O autor elabora um Cramulhão boêmio e melancólico que leva o personagem Macário em peregrinação por orgias e bares. O satanismo e o decadentismo, inspirados em Baudelaire e Edgar A.Poe, correram solto pelas letras nacionais. No século XIX, por exemplo, Orlando Teixeira criou o ousado soneto intitulado “Oração ao diabo”. Já Venceslau de Queirós presenteou-nos com seu “Doutor Fausto” e Severiano Rezende publicou um soneto intitulado “A Lúcifer”. E claro, não poderia ficar de fora desta coletânea, Cruz e Sousa, com seu magnífico poema, “Satã”.

Machado de Assis, como vimos, também não escapou desta obsessão. Depois de ter feito “O casamento do diabo”, prosseguiu evocando o Cão em outras narrativas, que foram ficando, aliás, cada vez mais esteticamente requintadas, como, por exemplo, o belo conto “A Igreja do diabo”, em que a tônica é a questão filosófica entre o bem e o mal. Machado faz referências ainda ao demônio nas narrativas “Adão e Eva”, “Anjo Rafael” e “O Sermão do diabo”.

Embora muito já se tenha escrito e pesquisado sobre Machado de Assis, algumas vertentes de sua obra são ainda pouco exploradas. Salma Ferraz, por exemplo, observa que são escassos os estudos que demonstram o expressivo diálogo machadiano com a Bíblia e principalmente pesquisas mais sérias que apontem a presença do diabo em sua ficção, uma vez que “Machado não deixou de explorá-lo, já que para ele o diabo não é tão feio como se pinta”. ( FERRAZ, 2012, p.45). Mesmo sabendo que os estudos que levam em consideração o diálogo da literatura brasileira com as Sagradas Escrituras ainda são mal compreendidos ou mesmo desdenhados, não podemos esquecer das palavras pontuais de Robert Alter: “ a Bíblia tem muita coisa a ensinar a qualquer pessoa que se interesse por narrativa, pois sua arte, que parece simples, mas é maravilhosamente complexa, é um exemplo magnífico das grandes possibilidades da narrativa”. ( ALTER, 2007,p.10)

Outro aspecto também ainda timidamente explorado pela pesquisa acadêmica é a poesia machadiana que dialoga de forma parafrásica com o *Pentateuco*. O Machado lírico das primeiras sementes, aquele escritor inicial, respeitoso à *Bíblia*, longe da irreverência paródica de *Memórias Póstumas* e do “Casamento do diabo”, que intitulou alguns de seus poemas de “Dilúvio”, “Noite de Natal”, “Fé”, “Caridade”, é ainda um “estudo marginal que atrai poucos pesquisadores para o tema”. (PEREIRA, 2014, p.194).

Diante destas observações, parece mesmo que as temáticas envolvendo o Bruxo do Cosme Velho são mesmo infinitas. Sendo assim, novas perspectivas para estudar Machado de Assis se apresentam aos novos pesquisadores. Desde seu diálogo reverente com a Bíblia estampado em suas primeiras rimas parnasianas até o discurso da “gracinha e da profanação”, ao retomar a Torá em *Memórias Póstumas* e em “O casamento do diabo”.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ASSIS, Machado de. *Toda a poesia de Machado de Assis*. Org. Claudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: edições Paulinas, 1985.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1988.
- CAZOTTE, Jacques. *O diabo enamorado*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- FERRAZ, Salma. *As malasartes de Lúcifer. Textos críticos de teologia e literatura*. Londrina: EDUEL, 2012.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Fausto no horizonte*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- DIEGUES JÚNIOR, M. *Literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Funarte, 1975.
- GOETHE, Johann Wolfgang. *Fausto*. Uma tragédia. Primeira parte. São Paulo: 34, 2004.
- PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. “Machado de Assis e o mito hebraico do dilúvio”. In: PEREIRA, Kenia Maria de Almeida; SILVA, Maria Ivonete Santos. *Releituras do texto literário*. Uberlândia: EDUFU, 2014. p.193-206.
- PEREIRA, Lucia Miguel. *A leitora e seus personagens*. org. Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Grapha/Fundação Biblioteca Nacional, 2005.
- MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do diabo*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto. “O diabo sem Fausto: as mazelas do tentador nos trópicos”. In: FERRAZ, Salma. *As malasartes de Lúcifer. Textos críticos de teologia e literatura*. Londrina: EDUEL, 2012. p.101-121.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades/ Ed. 34, 2000.





